

PRESENÇA DA MÚSICA ERUDITA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1970: O
VIOLÃO NO I CONCURSO BRASILEIRO DE COMPOSIÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

Nome do autor: Clayton Vetromilla

e-mail do autor: cvetromilla@oi.com.br

Nome do orientador: Dr. Luiz Otávio Braga

e-mail do orientador: luizorcb@centroin.com.br

Resumo

Este estudo está inserido em uma pesquisa que visa apresentar a análise descritiva e comparativa das obras premiadas na categoria violão no *I Concurso brasileiro de composição de música erudita para piano ou violão*, ocorrido entre os anos 1978 e 1979: *Repentes*, de Pedro Cameron, (1º lugar); *Suíte quadrada*, de Nestor de Hollanda Cavalcanti, (2º lugar); e *Divagações poéticas*, de Amaral Vieira (3º lugar). Tais obras são representativas de um período em que a música erudita brasileira buscava se adaptar às novas exigências da indústria cultural bem como aos parâmetros estéticos firmados pela *Política nacional de cultura*. No presente texto, as obras são apresentadas em seu contexto de produção, examinando-se igualmente como foram recebidas pela crítica.

Palavras chave: Pedro Cameron. Nestor de Hollanda Cavalcanti. Amaral Vieira

Abstract:

This study is part of a research that aims to present a descriptive and comparative analysis of the following prize winning works for guitar of the *1st Brazilian Composition Competition of Art - Music for piano or guitar*, occurred between 1978 and 1979: *Repentes* by Pedro Cameron, 1st place; *Suíte quadrada* by Nestor de Hollanda Cavalcanti, 2nd place; and *Divagações poéticas* by de Amaral Vieira, 3rd place. These works represents a period in the Brazilian art-music scene when composers seek to adapt their production to the new demands of the cultural industry, as well as, to the aesthetical parameters of the *National Political Guidance for Culture*. In the present paper, the works are presented in the context of their production, examining their reception by the critics.

Key-words: Pedro Cameron. Nestor de Hollanda Cavalcanti. Amaral Vieira

INTRODUÇÃO

Tendo em vista sua reverberação, o *I Concurso brasileiro de composição de música erudita para piano ou violão* situa-se em posição privilegiada no panorama da produção musical da década de 1970. As obras vencedoras em ambas as categorias foram editadas,

esteadas e gravadas, com a chancela da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) e da Editora Irmãos Vitale.

A presente pesquisa focaliza as obras premiadas na categoria violão, visando resgatar não somente o acontecimento, as personalidades nele envolvido ou repertório produzido, mas também os critérios estéticos de um período muito particular de nossa história. O principal objetivo desse estudo consiste, portanto, em verificar até que ponto as obras em questão estavam inseridas no debate estético de seu tempo.

Evidentemente, não se pretende reabilitar o repertório, mas por que preteri-lo em prol de obras canônicas? O objeto do estudo aqui pretendido não está nas obras, autores ou fatos em si, mas nos traços que os identificam como pertencentes a um momento particular, por isso, refere-se às circunstâncias em que as obras foram escritas e com as mesmas foram recebidas por seus pares, pela crítica em geral e pelo público.

As obras premiadas na categoria violão no *I Concurso brasileiro de composição de música erudita para piano ou violão*

As obras premiadas no *I Concurso brasileiro de composição de música erudita* foram: para piano, *Suíte mirim*, de José Alberto Kaplan (primeiro prêmio); *Ciclo*, de Maria Helena Rosas Fernandes (segundo prêmio); e *Dirg*, de Guilherme Bauer (terceiro prêmio); e, para violão, *Repentes*, de Pedro Cameron (primeiro prêmio), *Suíte quadrada*, de Nestor de Hollanda Cavalcanti (segundo prêmio) e *Divagações poéticas*, de Amaral Vieira (terceiro prêmio). As obras que obtiveram menção honrosa foram: para piano, *Vértice*, de Ernst Widmer; e, para violão, *Verdades*, de Márcio Côrtes; *Três peças*, de Ernst Mahle; e *Introdução, Ponteio e Tocatina*, de Ângela¹.

Repentes, para violão, inscrição nº1035, pseudônimo Mandu-guaru, pertence a Pedro Cameron. Com 31 anos, Cameron já se destaca por ter recebendo prêmios em outros concursos nacionais de composição de obras para violão. *Repentes*² “começa excepcionalmente bem, com um verdadeiro deslumbramento de técnica violonística”:

¹ CONCURSO NACIONAL DE PIANO E VIOLÃO JÁ TEM VENCEDORES. *A notícia*, Rio de Janeiro, 05 mar. 1979.

² Cameron, Pedro. *Repentes* (Vivo, Calmo, Galante, Agitado, Presto, Com humor, Ondulando, Triste, Scherzando, Como um lamento). São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1979. 9 partituras (14p.) violão

Há seções posteriores onde o rendimento às vezes oscila (as harmonias são pobres), mas voltam inúmeras seqüências em que o autor utiliza com muita propriedade e conhecimento os recursos virtuosísticos do instrumento em sua múltipla variedade³.

Cada uma das nove pequenas peças que integram a obra como um todo “retrata momentos diversos de emoções experimentadas” e “explora os variados efeitos interpretativos do violão”⁴. Além de “propósitos didáticos”, a obra alia “simplicidade espontânea do povo” ao universalismo. Reunião de “verdadeiros e estimulantes Estudos para violão – ricos e inteligentes, vivos e sensíveis”, *Repentes* pode ser abordada sob o prisma das várias acepções que o título sugere, entre elas, “improviso, no sentido do sempre possível ao espírito criativo”:

Uma coleção de estampas ou episódios de farta expressão, onde o violão reassume sua posição de virtuoso instrumento de concerto, por um lado; por outro, o animado contador de histórias – popular, rapsodo. Pedro Cameron (...) reúne seu talento à simplicidade espontânea do povo, extraindo daí o lúcido produto de sua observação, filtrando-o nos véus conscientes do homem universal, do intelectual que certamente também o é. O metier do artista no aproveitamento das idéias é evidente em Cameron, ocasionando-lhe a unidade formal objetiva de sua obra. Sendo, ademais, um homem extremamente ligado à atividade pedagógica musical, cria a objetividade de seu trabalho revestido de maior clareza⁵.

Repentes é a última peça de Pedro Cameron para violão. Todas as anteriores também são da década de 1970: *Contemplanção*, de 197[1]⁶; duas *Peças*, de 1971⁷; *Perspectivas*, de 1975⁸; e *Trilogia*, de 1977⁹, incluindo o *Estudo programático de violão*¹⁰.

Suíte quadrada, para violão, inscrição nº2012, pseudônimo Janjão de Baixo, pertence a Nestor de Hollanda Cavalcanti. Com 30 anos, Cavalcanti estudou composição com Elpídio Pereira e César Guerra-Peixe e violão com Jodacyl Damasceno tendo sido premiado em concursos de composição nacionais e internacionais.

Na década de 1970, o compositor escreveu para violão também: *Sete prelúdios miniatura*, de 1972, revisados em 1984; e *23 Estudos inegavelmente cromáticos*, de 1978¹¹.

³ Miranda, Ronaldo. Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1978, p.2, Caderno B.

⁴ Ellmerich, Luis. A primeira audição das obras premiadas no I Concurso Brasileiro de Composição de Música Erudita para Piano ou Violão leva numeroso público ao MASP. *Jornal da música* – órgão dedicado à expansão da cultura musical no Brasil. São Paulo, Ano 3, n. 16, set.-out., 1979, p.6.

⁵ Escobar, Aylton. Encarte de *Música nova do Brasil: Sérgio Assad, violão*. FUNARTE, 1980.

⁶ Cameron, Pedro. *Contemplanção* (em forma de rondó, para Turfio Santos), 197[1]. São Paulo: Ricordi, 1972. 1 partitura (2p.) violão

⁷ Id. *Peças* (Prelúdio em ré maior, para Marcos Antônio Leonetti; Ternura, para Márcia Patrícia Boroto) (1971). São Paulo: Ricordi, 1972. 2 partituras (2p.) violão

⁸ Id. *Perspectivas* (2º lugar no Concurso internacional de composição para violão, 1975/1976). Frankfurt: Zimmermann, 1976. 1 partitura (11p.) violão

⁹ Id. *Trilogia* (... e o circo chegou, Enquanto tu dormes, lá fora chove. De quarta a quinta) (2º lugar no I Concurso nacional de composição – prêmio Isaías Sávio, 1977). São Paulo: Ricordi, 1978. 1 partitura (9p.) violão

¹⁰ Id. *Estudo programático, vol. 1, iniciação e 1º ano*. São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1978. (42p.) violão

A *Suíte quadrada*¹² possui “como qualidade maior a boa estruturação harmônica, característica pouco presente, em linhas gerais, nas obras finalistas” do *I Concurso brasileiro de composição de música erudita*:

O primeiro tempo [(Samba simétrico)], utilizando acordes formados com intervalos de quarta, sugere harmonias modais em rítmica tipicamente brasileira. O elemento rítmico é, aliás, esplendidamente desenvolvido no movimento final [(Choro enigmático)]. Apenas os movimentos centrais [(Modinha tonal e Valsa quebrada)] se ressentem de excessiva linearidade (o segundo [(Modinha tonal)], por exemplo, abusa um pouco da região grave) ou, quem sabe, tenha faltado maior vitalidade [à] execução de Odair Assad¹³.

A *Suíte quadrada* é transgressora tanto do “modelo europeu de suíte” como também da “nossa suíte”, criticando-a “de maneira saborosa”¹⁴. No *Samba simétrico* “predomina uma harmonia por quartas e um movimento retrógrado”, na *Modinha tonal* “duas vezes com inversão de posição da voz principal”, na *Valsa quebrada* o compasso 3/4 “é constantemente interrompida por compassos 2/4, 5/8, 4/4 e 7/8” e no *Choro enigmático* a “melodia cromática simples” foi “feita sobre acordes de quinta diminuta”¹⁵:

Samba simétrico tem a simetria residindo no espírito deste ritmo de revivescências da bossa nova (por que não, se uma suíte é basicamente composta de danças populares mesmo no modelo europeu?). Seus compassos se alternam em balanços de lírica expressividade. Os timbres inteligentes e as harmonias de francos alargamentos conceituais jazzísticos concluem este samba com uma convincente afirmação.

Modinha tonal é uma seresta de robusta ‘baixaria’, sugestiva e ansiosa polifonia, tendo seu ‘tonal’ no desejo do encontro nas oitavas finais, como um par sob a lua no difícil, mas amoroso abraço. Invenção a duas vozes? Talvez. Mas muito mais provável seria o discurso único a duas intenções semelhantes.

Valsa quebrada lembra ainda uma vez a bossa nova. Tem seus compassos cambiantes que a ‘quebrariam’ não fosse a melancólica timidez de suas certezas. Urbana, rica e quente linha de canto vai desenhando esta belíssima coleção de reticências e meias palavras.

Choro enigmático é quase um estudo de virtuosidade. O choro é o enigma escondido atrás de células melódicas que se perguntam coisas e propõe outras em incansáveis peripécias que fundem ritmo e harmonia num só frasco. Chorar é o enigma: por quê? pra quem?¹⁶.

“Está aí, a partir do título [*Suíte quadrada*], o gozador talentoso que brinca com a música do mesmo modo que seu pai [Nestor de Hollanda Cavalcanti Neto], jornalista vibrante, cheio de espírito, brincava a sério com os fatos da vida”¹⁷. A “requintada ironia” do título é provocadora: ao mesmo tempo em que samba, modinha, valsa e choro “fazem parte do que poderíamos chamar de ‘nossa suíte’, nossa coleção de danças, canções ou

¹¹ Cavalcanti, Nestor de Hollanda. *Catálogo*. Disponível em <<http://nestordehollandacavalcanti.mus.br/pobrtxt3.htm>> Acesso em agosto de 2008.

¹² Id. *Suíte quadrada* (Samba simétrico, Modinha tonal, Valsa quebrada, Choro enigmático) (à Luís Augusto Milanesi e minha Monika). São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1979. 4 partituras (10p.) violão

¹³ Miranda, Ronaldo, op. cit.

¹⁴ Escobar, Aylton, op. cit.

¹⁵ Ellmerich, Luis, op. cit., p.6-7.

¹⁶ Escobar, Aylton, op. cit.

¹⁷ Baptista Filho, Zito. Promemus, a memória eclética. Discos Clássicos. *O globo*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1982.

motivos”; os adjetivos simétrico, tonal, quebrado e enigmático servem para “criticá-la de maneira saborosa” e estabelecer uma “constante dualidade”¹⁸.

Divagações poéticas, para violão, inscrição nº1032, pseudônimo Igor, pertence a Amaral Vieira. Com 27 anos, Vieira pode ser considerado “recordista” tendo em vista o número de personalidades do mundo da música nacional e estrangeira com os quais estudou, por exemplo, Artur Hartman e Olivier Messian, como também pelo número de prêmios obtidos na área da composição¹⁹. Atuando principalmente “no setor de música sacra”, em 1977, depois de estada pela Europa, Vieira regressou a São Paulo e “iniciou uma brilhante carreira de pianista concertista”²⁰.

*Divagações poéticas*²¹ apresenta “ótimas idéias entre algumas redundâncias e dispersões estilísticas”²² e “constantes metamorfoses, sempre dentro do sentido [presente] no respectivo título”²³. Nela contrastam momentos “em tom coloquial” e episódios livremente estruturados²⁴. A obra pode ser considerada também uma suíte de caráter moderno e virtuosístico onde são inseridos recursos que lembram as sonoridades do *Jazz* contemporâneo, escalas politonais e harmonias baseadas em intervalos de quarta. Com alto grau de complexidade, nela se percebe também “ecos da Bossa Nova”²⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições da presente pesquisa concentram-se principalmente em duas áreas: a da história da música brasileira na década de 1970 e às particularidades da política cultural do momento; bem como, especificamente, a história do violão no Brasil, através da caracterização estética do repertório. Quanto à primeira dessas áreas, fica-se conhecendo, sobretudo, o conceito vigente de música erudita brasileira e os preceitos estéticos dos personagens que contribuíram para o estabelecimento desse conceito. Quanto à segunda área, evidenciam-se as possibilidades didáticas do estudo, por exemplo: comparar em obras contemporâneas entre si, ou de épocas diversas, os diferentes recursos utilizados para abordar um mesmo tema; comparar as características dos diferentes períodos estéticos da música brasileira e internacional sob o ponto de vista da presença do repertório

¹⁸ Escobar, Aylton, op. cit.

¹⁹ Ellmerich, Luis, op. cit., p.07.

²⁰ Mariz, Vasco. *História da música no Brasil*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p.469-471.

²¹ Vieira, Amaral. *Divagações poéticas* (para Maria Lívia São Marcos e Edson Lopes). São Paulo/Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1979. 1 partitura (17p.) violão

²² Miranda, Ronaldo, op. cit.

²³ Ellmerich, Luis, op. cit., p.6-7.

²⁴ Escobar, Aylton, op. cit.

²⁵ Melo, James. Encarte de *Divagações Poéticas*. Paulus, 1996.

violonístico; comparar as características da produção dita nacionalista e a produção dita de vanguarda em obras brasileiras escritas para violão; e assim por diante.

Entre os resultados prováveis de tais pesquisas estará uma maior consciência das especificidades da linguagem violonística brasileira durante os diferentes momentos da produção musical erudita como um todo. Além disso, informações sobre o momento histórico e cultural bem como sobre os modos de produção das obras, motivação e compromissos estéticos, configuram um amplo quadro do momento histórico em que as mesmas foram escritas.